

RETRATOS SUBEXPOSTOS DE *MIGUILINS*

MIGUILINS' UNDEREXPOSED PORTRAITS

Elisa Maria Amorim Vieira

Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte
Brasil

Resumo

Este texto tem como objetivo analisar as imagens da infância presentes nos relatos de memória de moradores do Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, com base nas reflexões de Georges Didi-Huberman a respeito da representação dos povos, sua super ou subexposição, assim como na arqueologia dos brinquedos proposta por Walter Benjamin. Observa-se, ainda, a estreita relação existente entre o universo descrito nesses relatos e a poética de Guimarães Rosa.

Palavras-chave: imagens da infância; relatos de memória; Vale do Jequitinhonha.

Abstract

This text aims to analyse the childhood images presented in Vale do Jequitinhonha inhabitants' memory stories, located in the northeast of Minas Gerais, based on Georges Didi-Huberman studies on peoples' representations, their over or underexposure, as well as on the toys' archaeology proposed by Walter Benjamin. We observe, moreover, a narrow relationship between the universe describe by these stories and Guimaraes Rosa's poetics.

Keywords: childhood images; memory stories; Vale do Jequitinhonha.

Resumen

Este texto tiene como objetivo analizar las imágenes de la infancia presentes en los relatos de memoria de habitantes del Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, con base en las reflexiones de Georges Didi-Huberman acerca de la representación de los pueblos, su sobrexposición o subexposición, así como en la arqueología de los juguetes propuesta por Walter Benjamin. Se observa, aún, la estrecha relación existente entre el universo descrito en esos relatos y la poética de Guimarães Rosa.

Palabras clave: imágenes de la infancia; relatos de memoria; Vale do Jequitinhonha.

Mas, quando um poeta moderno diz que para cada
um existe uma imagem em cuja contemplação
o mundo inteiro submerge, para quantas pessoas essa
imagem não se levanta de uma velha caixa de brinquedos?

WALTER BENJAMIN

Nas recordações “tão fugidas, tão afastadas” de Miguilim, cabem as frutas que comia, o “cheiro de alegriazinha”, o coelho morto, os cabritinhos

no carro de boi, o creme de buriti, o cachorro Gigão, a saudade da cachorra Pingo-de-Ouro, o pé-d'água, a tosse, a reza, os carrapichos, os umbiguinhos secos dos meninos, a boneca de mandioca, a mãe, o Dito, as brincadeiras e as cantigas da Chica. A Serra do Mutúm, feita das palavras e imagens do narrador de *Campo geral*, de Guimarães Rosa, é lugar de coisas esquecidas, restos da infância perdida do menino Miguilim, que, paradoxalmente, nos remetem a tantas outras memórias e infâncias invisíveis. Quão distante estaria essa exposição literária de hábitos, sensações, sentimentos e brinquedos vivos, feitos das sobras do cotidiano, daquela do Märkische Museum de Berlim, descrita por Walter Benjamin em seu ensaio “Velhos Brinquedos”, composta não só de brinquedos conservados por antigas famílias como também de jogos de salão, pirâmides natalinas, câmaras óticas, livros, ilustrações, soldadinhos de chumbo etc. (BENJAMIN, 2009: 81). Apesar das distâncias que separam esses dois “catálogos”, tanto um quanto outro nos levam à reflexão em torno do potencial mnemônico do brinquedo e da brincadeira, assim como suas implicações para uma possível história da infância e suas representações. Este texto tem como objetivo observar a construção de imagens da infância presentes nos relatos de memória de moradores do Vale do Jequitinhonha, nordeste de Minas Gerais, mais especificamente da pequena cidade de Chapada do Norte e de comunidades quilombolas da região, espaços interligados de forma *orgânica* ao imaginário e à poética de Guimarães Rosa.

Em seu ensaio, que data de 1928, Benjamin comenta acerca do surgimento da indústria e do comércio de brinquedos na Alemanha, cujas origens estariam relacionadas aos vendedores de artigos de marcenaria, ferragens e produtos de confeitaria, dentre outros. Através de suas observações, percebe-se a substituição dos velhos brinquedos, como o teatro de marionetes, pelas câmaras óticas, dioramas, mirioramas e panoramas, que teriam maior capacidade de nos introduzir no universo do lúdico. Benjamin afirma, ainda, que os brinquedos antigos tornaram-se significativos para várias áreas do conhecimento, tais como o folclore, a psicanálise, a história da arte e a indústria gráfica. O mais curioso, porém, estaria no fato de esses objetos despertarem tanto fascínio não só em crianças, mas, especialmente, em adultos: “Rodeadas por um mundo de gigantes, as crianças criam para si, brincando, o pequeno mundo próprio; mas o adulto, que se vê açoitado por uma realidade ameaçadora, sem perspectivas de solução, liberta-se dos horrores do real mediante a sua reprodução miniaturizada” (BENJAMIN, 2009: 85). O crescente interesse por jogos e livros infantis após o final da 1ª Guerra Mundial poderia estar relacionado, segundo Benjamin, à banalização de uma existência insuportável.

A profunda reflexão do pensador alemão em torno do universo infantil está presente em outros ensaios, dentre eles a “História cultural do brin-

quedo”, também de 1928, no qual desenvolve um exemplo magnífico de sua percepção histórica, partindo de uma perspectiva metodológica que o leva a considerar os fragmentos do cotidiano como elementos capazes de proporcionar uma visão do mundo social em que estão inscritos, e a ver a criança como parte indissociável da sociedade a que pertence:

Pois se a criança não é nenhum Robinson Crusóé, assim também as crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas antes fazem parte do povo e da classe a que pertencem. Da mesma forma, os seus brinquedos não dão testemunho de uma vida autônoma e segregada, mas são um mudo diálogo de sinais entre a criança e o povo. (BENJAMIN, 2009: 94)

Os brinquedos de Miguilim e seus irmãos – animais ou objetos reutilizados e metamorfoseados – nos indicam a construção retórica da infância na obra de Guimarães, a partir da ênfase na relação orgânica das crianças, e do povo do qual fazem parte, com a terra. As memórias de Miguilim, terceirizadas pela voz do narrador, estão repletas de objetos e animais que nos indicam a fragilidade, a escassez e a violência latentes de seu mundo: a cachorra Pingo-de-Ouro, ou Cuca, era cega; a boneca da Chica, uma “mandioquinha enrolada nos trapos” (ROSA, 2001); enquanto o coelhinho da borda-da-mata virara caça. Na narrativa, os objetos e os animais compartilham suas características e seu destino com as personagens: Miguilim, diz a irmã, era “piti-cégo” e, assim como a Cuca, acaba indo mundo afora. Nada mais sabemos do menino, mas a narrativa nos leva a imaginar sua inserção num mundo urbano semelhante ao nosso, mas distante de Mutúm. Quanto às personagens que ficam, na “borda-da-mata”, a sensação é a de que se apagam pouco a pouco, quando a narrativa se acaba.

Infâncias subexpostas

A palavra “subexposição” nos remete ao universo das imagens fotográficas, mais especificamente aquelas cujos negativos foram submetidos à luz de maneira insuficiente. Velhas imagens escurecidas, nas quais se notam apenas silhuetas e que, quando não são rejeitadas, exigem do espectador um apurado trabalho de decifração. O Projeto de Extensão “Imagens e Memórias do Vale”, da Faculdade de Letras da UFMG,¹ surgiu, inicialmente, de algumas curiosidades: que imagens compõem o acervo de uma região tão distante dos grandes centros urbanos como o Vale do Jequitinhonha?; que memórias tais

¹ O projeto, que teve início em 2012, é vinculado ao Programa Polo Jequitinhonha, da UFMG, e conta com a colaboração de estudantes da graduação da FALE/UFMG. Em seu primeiro ano, desenvolvemos os trabalhos na cidade de Itaobim, na região do Alto Jequitinhonha. Entre 2013 e 2014, estivemos em Chapada do Norte, situada no Médio Jequitinhonha, onde entrevistamos diversos moradores, não só da cidade, mas também das comunidades quilombolas.

imagens desencadeiam?; na ausência de antigas fotografias ou filmes, como se daria o processo de rememoração dos moradores daquela região? Não nos surpreendeu, particularmente, a constatação de que as populações das pequenas cidades do Vale compartilhassem, em boa medida, as imagens pré-fabricadas que circulam nos meios de comunicação. Não obstante, os jovens estudantes da UFMG que integram o projeto admiraram-se diante da ausência quase absoluta de fotografias de infância entre os adultos e idosos que entrevistamos. Tal constatação nos leva, de forma inexorável, a uma reflexão mais política dos termos “exposição” e “subexposição”.

Em seu livro *Pueblos expuestos, pueblos figurantes*,² Georges Didi-Huberman afirma que os povos estão expostos, porém problematiza essa afirmação: “Gostaríamos muito que, apoiados na “era da mídia”, esta proposição quisesse dizer: os povos são hoje mais visíveis uns para os outros do que jamais o foram” (DIDI-HUBERMAN, 2014: 11).³ Supõe, ainda, que a consolidação das democracias também poderia conduzir a essa maior visibilidade, em decorrência de uma representabilidade mais eficaz. O pensador francês demonstra logo em seguida que, apesar de terem sido transformados em objetos de documentários e da indústria do turismo, os povos só estão *expostos* porque estão armazenados em sua representação política e estética. A conclusão será a de que os povos estão sempre sujeitos a *desaparecer* (Idem), sejam eles super ou subexpostos. Em meio às inúmeras imagens fotográficas, televisivas e fílmicas através das quais as pessoas se expõem, sobressaem imagens apagadas, uma vez que submetidas à simetria, à indiferenciação causada pelo excesso de luz. Por outro lado, deparamo-nos com a ausência de imagens e a invisibilidade dos que estão apartados dos centros decisórios e dos palcos de reivindicação, justamente aqueles cujas vozes dificilmente são escutadas. Caberia aqui a constatação de Georg Simmel, recordada por Didi-Huberman, segundo a qual toda realidade social busca *tomar forma*, ou seja, “requer, em um determinado momento, que nos interroguemos sobre seus modos de aparição ou exposição” (DIDI-HUBERMAN, 2014: 27).

Surge, então, uma primeira pergunta: que imagens ou referências se preservam da infância nas Minas Gerais? No artigo intitulado “Criança esquecida das Minas Gerais”, a historiadora Julita Scarano observa o total silenciamento a respeito das crianças nas correspondências que partiam do Brasil no século XVIII, e que se conservam em arquivos portugueses e brasileiros: “Pouco se fala da vida diária e dos aspectos mais corriqueiros do cotidiano e não há interesse em comentar como viviam os escravos e os pobres, as mulhe-

² Utilizo aqui a edição argentina de *Peuples exposés, peuples figurants* (2012). Todas as traduções são minhas.

³ No original: “Nos gustaría mucho que, apoyados en la ‘era de los medios’, esta proposición quisiera decir: los pueblos son hoy más visibles unos para otros de lo que nunca lo fueron”.

res e, menos ainda, as crianças, mesmo em se tratando dos filhos de pessoas de importância” (SCARANO, 1999: 107). Scarano compara as terras mineiras às regiões litorâneas do Brasil e conclui que, nestas últimas, mais crianças tomavam parte na vida social, misturando-se às brincadeiras, jogos e, eventualmente, exercendo pequenos trabalhos no âmbito familiar. Já em Minas, a pesquisadora afirma que não há notícias de mesteres exercidos especificamente pela população infantil. As crianças negras, que eram totalmente omitidas nas correspondências, obtinham uma função social significativa durante as festividades religiosas, quando podiam participar de bandas e dos grupos musicais que tocavam nessas cerimônias e festas.

Essa subexposição secular das crianças das Minas Gerais é reatualizada e, de alguma forma, está impressa nas memórias – ou nos esquecimentos – dos mais velhos, revelando-se também na falta de uma iconografia própria. A frustração diante da ausência de fotografias da infância levou os participantes do projeto “Imagens e Memórias do Vale” a escutar de maneira mais atenta as narrativas de nossos entrevistados de Itaobim, Chapada do Norte e das comunidades quilombolas que visitamos. Ao longo desse processo, observamos mecanismos de compensação da falta de imagens materiais por meio da verbalização de imagens mentais, o que pode ser observado na entrevista concedida por Dona Preta,⁴ moradora de Itaobim, quando descreve algumas cenas de sua infância:

Então, minha professora falou com a gente que todos deveriam ir pra escola uniformizados. Eu falei assim: “Oh, professora, eu não posso, eu não tenho condições de comprar”. E os paninhos que faziam os uniformes chamavam tostão e era dois mil réis o metro. Eu falei que não podia comprar. Chorei, chorei dentro da escola porque disseram que não entrava mais sem uniforme. Aí, minha professora falou com a gente que quem falasse a poesia mais bonita na escola ela ia dar o uniforme. Eu levantei o dedo e disse que eu ia falar, mas que deixasse as outras falarem primeiro que depois eu falava e ela iria escolher. A terceira fui eu. Todo mundo me aplaudiu, ela me aplaudiu porque eu falei muito bem.⁵ Aí, ela me deu um metro de um pano branco e um metro e meio de um azul pra eu fazer o uniforme. Nunca me esqueci. O uniforme era todo plissadinho: a saia azul, a blusinha branca com a manguinha e de botãozinho. Eu tenho ele na cabeça. [...] Eu era pastorinha também, todo mundo brincava de pastorinha. As pastorinhas cantavam junto com o boi de janeiro. [...] Então,

⁴ Amintas Fernandes dos Santos, conhecida como Dona Preta, tem atualmente 77 anos. Entrevista realizada em julho de 2012.

⁵ A poesia recitada por Dona Preta na escola: “O vovô é bem velhinho, que mal agora pode andar/ segura na sua bengalhinha pra nela se escorar/ conta as histórias dos antigos e lembra coisas de outra/ e fala dos velhos amigos que já se foram embora./ Foi soldado, foi lavrador, pelo Brasil combateu/ seus peitos cicatrizados foram glórias que Deus lhe deu/ Disse ele bem risonho, bendizendo-se da sorte:/ “Passa a vida como um sonho e eu sonhando espero a morte.” (VIEIRA; CAMPOS; ALMEIDA, 2013: 89).

tinha o boi de janeiro e as pastorinhas. As pastorinhas cantavam durante seis dias. Nós cantávamos pelo comércio todinho. [...] E nós brincávamos seis dias vestidas com esses vestidinhos de papel crepom azul, mas eram muito bem feitos, com boinhas. (VIEIRA; CAMPOS; ALMEIDA, 2013: 88-89)

A rememoração de Dona Preta se entrelaça a uma memória que é também coletiva: o uniforme escolar comum a todas as meninas que frequentavam a escola, as festas religiosas, as fantasias, os cantos. Note-se que a carga afetiva implicada na cena torna possível a recordação dos detalhes das falas e das roupas, o que acentua o potencial imagético da descrição, além de singularizar essas imagens da memória. Por outro lado, percebe-se no relato o desejo de ser vista, exposta, admirada: “todo mundo me aplaudiu, ela me aplaudiu”, “nós cantávamos pelo comércio todinho”. Independentemente do grau de objetividade de sua memória, o fato é que a narrativa de Dona Preta afirma uma forma própria de “aparicação” e reivindica seu direito à visibilidade.

Memórias da infância inexistente

Talvez o mecanismo mais eficaz – e mais violento – da subexposição da infância seja o de não considerá-la infância, mas apenas um estágio precoce e imperfeito da vida adulta. Colin Heywood, em seu livro *Uma história da infância*, afirma que a fascinação pelos primeiros anos de vida de uma pessoa é um fenômeno relativamente recente, o que pode ser observado através da pesquisa de diversas fontes, entre elas autobiografias e textos literários. Também Philippe Ariès, em seu clássico *História social da criança e da família*, já observara que, na Europa, por volta do século XII, a arte medieval desconsiderava a infância ou não tentava representá-la: “É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo” (ARIÈS, 1978: 50). Ariès comenta que, até o fim do século XIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, mas apenas seres humanos de tamanho reduzido. Heywood, apesar de criticar as generalizações feitas por Ariès, aponta que, na Inglaterra do período moderno, as crianças estiveram bastante ausentes da literatura e eram vistas, no máximo, como figuras marginais em um mundo adulto.

A marginalização ou subexposição da infância, fenômeno que os historiadores demonstram ser de longuíssima data, tem como consequência a integração precoce das crianças ao universo do trabalho e à violência física e simbólica. Nos grandes centros urbanos, essa realidade, conjugada sempre a condições de pobreza e abandono, torna-se parte integrante, porém pouco nítida, da paisagem. No mais, alimenta as assustadoras estatísticas que apon-

tam o número cada vez maior de crianças vítimas de balas perdidas e de todo tipo de agressão.⁶ Já no Brasil profundo do Vale do Jequitinhonha, ouvimos inúmeras vezes, principalmente dos mais velhos, que a infância mudou: as crianças hoje vão à escola, se alimentam melhor, e muitas delas já não têm de trabalhar com os pais. No entanto, a maioria dos relatos de memória que pudemos recolher enfatizam a inexistência da infância num passado não tão remoto e dão testemunho de trabalhos e castigos:

Minha infância era difícil, né? Que meu pai morreu quando eu tava com 6 anos. Minha mãe era pobre, não tinha recurso nenhum. Vivia assim, pros mato, pras beira de uns córregos, trabalhando pros outros. Era uma dificuldade como eu tô falando. Hoje não. Hoje tudo é mais fácil, né? Na época que nós morava aqui, que ela mudou pr'aqui comigo, era mais difícil, muito difícil mesmo, sofrido mesmo. Era um sofrimento, porque desde os 6 anos eu vivia acompanhando ela, pra todo lado que ela ia. Pras roça, capinando, plantando, né? Mexendo com lavoura, lenha... No garimpo? Vixe! Era bateia, né? A gente tirava cascalho, colocava na bateia – chama bateia – e ia garimpando, rodando... Aí saía o ourozinho. Era o dia inteirinho, semana inteirinha nessa vida. (Teresa Geralda Carvalho, “Puia”, 69 anos) (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 388)

A fala de Teresa Geralda, mais conhecida como Puia, nos mostra a precariedade de uma infância da qual não guarda nenhuma boa lembrança. Apresenta-nos as atividades mais comuns da região, entre elas, o garimpo. Chapada do Norte, cidade situada a 560 quilômetros de Belo Horizonte, começou a ser construída na terceira década do século XVIII por grupos de escravos fugidos da região mineradora de Minas Novas. Ali eles fundaram diversos quilombos, muitos deles existentes até hoje, e continuaram a atividade de extração do ouro, principalmente nos rios. Em praticamente todos os depoimentos recolhidos, há referências ao garimpo. Até a década de 1980, muitas famílias passavam a semana “lavando areia” no rio para, na feira de domingo, trocar o “ourozinho” por farinha e outros mantimentos. Alguns objetos – como bateia, enxada e fuso –, todos instrumentos de trabalho, fazem parte das memórias de infância de muitos moradores mais idosos de Chapada do Norte. Dona Júlia da Rocha Pereira, de 103 anos, da comunidade quilombola do Cuba, acrescenta outros afazeres aos mencionados por Puia e surpreende-se quando lhe perguntamos se lembrava das histórias que sua mãe e sua avó lhe contavam quando era criança:

A história que elas [a mãe e a avó] me contavam era capinar na roça, fiar algodão, descarçava o algodão com o cortador, tinha almofada de bater, bater aquele algodão bem batidinho, no fuso, fiando... A história que elas me contou foi isso aí, na enxada, na roça. Minha mãe, que me criou, foi assim. Agora a

⁶ Sobre esse tema, reporto-me ao excelente ensaio de Rosana Kohl Bines, “Infância, palavra de risco”, publicado em *Escritas da violência*, Volume I.

ensinação que eles me ensinou foi lavar areia, fiar algodão, trabalhar na roça. Nesse tempo assim não era difícil não, porque era o serviço que tinha. A gente não achava difícil, era o serviço que tinha. Hoje é que tá tudo mais difícil, mas assim mesmo eu ainda capino na roça. Planto milho, planto feijão de corda... Andu, quando tem bom tempo, dá... (Dona Júlia da Rocha Pereira, 103 anos) (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 141-142)

Nas palavras de Dona Júlia, a infância não está relacionada ao lúdico ou ao prazer. Ela própria, ao ter de criar seus onze filhos, reproduz o modelo da mãe e da avó: “Eu não contava [história] não senhora. Porque eu criei eles assim, muito pregados no serviço, fiando algodão, lavando areia” (ibidem: 143). Vemos aqui a força da tradição, dos ensinamentos dos mais velhos, da transmissão de ofícios e hábitos que passam de geração em geração, todos eles necessários para a manutenção da coesão familiar e comunitária, além de ser garantia de sobrevivência. Chama a atenção, no entanto, o silêncio de Dona Júlia a respeito de brinquedos e brincadeiras, como se em sua fala houvesse uma interdição quanto ao tema das lembranças da infância. Apesar de sua doçura e da gentileza extrema com que ela e sua filha Flora nos receberam em sua casinha no alto do morro, não conseguimos convencê-la a nos contar um pouco mais do que guarda dessa memória escondida. Ainda assim, a criança que nela existe não se contém e volta a se expressar: seus rastros estão visíveis nas paredes pintadas de sua sala.



Foto de Heyder Magalhães, julho de 2013.

Em *Espaços da recordação*, no capítulo dedicado ao corpo, Aleida Assmann observa a importância da verbalização tanto para a permanência das memórias quanto para sua socialização, o que, sem dúvida, nos remete ao potencial de exposição que passam a ter as lembranças a partir do momento em que são compartilhadas. Assmann cita, além da língua, outros estabilizadores da recordação, entre eles o afeto e o trauma. Sem poder pretender reconstruir objetivamente as imagens da infância, aquele que recorda recorre ao que Rousseau chama de “cadeia de sentimentos” (ASSMANN, 2011: 270). A entrevista que nos concedeu Dona Rita Martins da Conceição, a Rita de Patu, alude aos traumas e afetos inscritos no corpo. Quase cega, sozinha em uma casa isolada de Chapada, ela rememora sua infância:

De jeito que ela [a mãe] teve doze filhos, lá no Pinheiro. Aí nós ficamos lá e foi ficando, foi ficando... Os meninos foram crescendo, casaram, e ficou as moças. As moças foram morrendo, morrendo e ficou só eu. Já morreu tudo. Da família da minha mãe, só existe eu. Acabou tudo. Os irmãos dela acabou tudo, os sobrinhos... Acabou tudo, só tá eu. Eu não tenho uma viv'alma que more aqui mais eu. Eu quase não tô lembrando mais nada [da infância] não, porque depois que Deus tirou o povo da gente tudo, a gente fica muito esquecida. Deus tirou meu povo tudo... Da família da minha mãe, só existe eu.

[...]

Desde que eu era pequena, minha mãe já vinha pelejando comigo doente. Ela era uma mulherzinha roxa, baixinha, grossa... Ela chamava Benedita, Benedita do Carmo, e meu pai, Miguel Martins de Souza. Meu pai não pôs nós a gente na escola. Quando eu falo, eles duvidam, mas ele não pôs por causa desse rio. A gente morava no Pinheiro, lá em riba, e esse rio era muito grande. Porque hoje eles duvidam, mas esse rio não era do jeito que é hoje não. Ele era muito grande. Pequeno não passava nesse rio não. (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 338, 339, 341)

Dona Rita, que teve o apelido de uma das irmãs acrescentado ao seu nome, “Patu”, nos contou diversas histórias de sua infância, todas elas marcadas pela dor e pelo trauma: os dentes que não nasciam; posteriormente, a perda de todos os dentes; a incompreensão da mãe; o carinho e o respeito pelas irmãs; a picada de uma cobra; a dor física; a cegueira gradual atribuída ao episódio da cobra etc. O seu discurso, marcado por repetições, reforça sempre o sentimento de perda, seja da família, seu “povo”, ou de referências importantes para a própria coletividade, como o rio. Diversos relatos ouvidos expõem o sentimento doloroso causado pela seca dos rios e córregos da região, em decorrência da plantação em larga escala de eucaliptos.⁷ Praticamente todas as

⁷ De acordo com pesquisadores da USP e da UFMG, o médio Vale do Jequitinhonha, região onde se localiza Chapada do Norte, caracteriza-se pelo clima do tipo semiárido. A partir dos anos 1970, contando com incentivos fiscais do poder público, teve início o plantio de extensas florestas de eucalipto e pinus para abastecer a indústria de ferro-gusa e de celulose do estado de Minas Gerais.

infâncias rememoradas tiveram a presença abundante da água como elemento comum, o que contrasta com a escassez atual. A subexposição ou invisibilidade a que estão submetidos os moradores dessa região os tem levado a perdas irreversíveis: sem água, não há lavoura, o que faz com que a quase totalidade da população adulta seja obrigada a passar em torno de oito meses por ano trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar e café do Paraná e de São Paulo. Muitos deles não retornam.

Memórias de brinquedos e brincadeiras

“Sabe do que era que nós brincava de criança? Quando mãe saía, tinha um lugar, assim, que plantava milho, né? Sabe o que nós fazia? Um dia, mãe bateu em nós. Foi umas bonecas de milho! Mamãe chegou e deu coró, porque quebrou o milho” (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 238). As lembranças de Tereza Vaz Fernandes, a Tereza de Dito, corroboram de forma contundente as reflexões de Benjamin sobre brinquedos e jogos infantis quanto ao seu potencial de enfrentamento com o universo dos adultos: “O brinquedo, mesmo quando não imita os instrumentos dos adultos, é confronto, e, na verdade, não tanto das crianças com os adultos, mas destes com a criança” (BENJAMIN, 2009: 96). Essa afirmação refere-se, na verdade, aos brinquedos antigos que são de alguma maneira impostos às crianças como objetos de culto. Para tornarem-se realmente brinquedos, diz o filósofo, necessitarão da força da imaginação infantil. No caso narrado por Tereza, o brinquedo é fruto direto dessa imaginação transformadora, que se apropria de um elemento do cotidiano, relacionado à alimentação e ao trabalho, e o converte em objeto lúdico, que busca escapar à rigidez das regras do mundo adulto.

Tanto no ensaio sobre os “Livros infantis velhos e esquecidos” quanto no extrato intitulado “Canteiro de obras”, de *Rua de mão única*, Walter Benjamin comenta a atração irresistível que as crianças sentem pelos detritos gerados em construções, jardins, marcenarias, alfaiatarias ou em qualquer outro lugar: “Nesses produtos residuais elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e somente para elas” (BENJAMIN, 2009: 57-58). Essa fascinação estaria relacionada não ao desejo de reproduzir o mundo adulto, mas à necessidade de estabelecer novas e incoerentes relações com os objetos, o que, sem dúvida, está implícito na transformação do sabugo de milho ou da mandioca em boneca. Esse impulso certamente pode ser observado de forma mais evidente num universo onde os produtos da indústria

Essas monoculturas substituíram a vegetação nativa do cerrado, o que causou a redução do fluxo dos rios temporários da região. Para mais detalhes, ver <<http://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/viewFile/22677/14879>>. Acesso em: abril de 2015.

de brinquedos ainda não haviam chegado e, mesmo que chegassem, não poderiam ser consumidos. Lourival Machado, o Louro de Floripes, e Luiz Gonzaga Soares, Luiz de Calu, reconstróem para nós as imagens desses brinquedos feitos de restos:

Uai, infância eu não tive. Agora, no meu tempo de criança, a gente tinha umas brincadeiras com uns carrinhos-de-mão. A gente fazia os carrinhos-de-mão de tábua, saía carregando uma fruta que tem no mato – a gente chama de cagaiteira –, brincava com essas rodinhas que vinha numas bimbarras de bebida, de vinho, de cachaça. E tinha também o carretel, que é de linha, né? A gente fazia os carrinhos de carretel. Essas brincadeiras... Brincava com bola, essas bolas de plástico, porque não tinha capotão, a gente não tinha condição de comprar. Brincava de onça, né? De esconder, de roda... (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 338-339-341)

Naquela época minha, de brinquedo, eu lembro assim... Esse córrego ali – hoje não é córrego, não corre mais nada de água – ele tinha uma água muito grande. O que nós fazia? Tinha um poço embaixo, nós chegava – ele tinha um lapeiro assim, de mais ou menos uns trinta metros ou quarenta –, nós sentava assim e aquela água ia levando nós, batia lá embaixo, no poço! Isso era uma das brincadeiras. Mas os brinquedos... Nós gostava de montar em animal, cavalo... Tinha um negócio de cavalo-de-pau: é um pau assim, ó, que você montava e saía passeando na rua. Arranjava umas latinhas e pregava nele, pra fazer barulho. Não existia outros brinquedos pra nós... (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 165-166)

Louro de Floripes, na primeira das duas transcrições, expõe de forma mais explícita a utilização das sobras na feitura dos brinquedos, enquanto Luiz de Calu inclui o rio e os animais como parte importante do universo infantil, sem esquecer o cavalo de pau e as latinhas. Benjamin observa também outros produtos de resíduos, dentre os quais o conto maravilhoso, a canção e a fábula. Com todos eles, mas especialmente com o conto maravilhoso, a criança lidaria da mesma forma independente com que lida com outras sobras. Os *causos*, histórias de assombração e contos da tradição que povoam o imaginário das gentes do Vale do Jequitinhonha certamente poderiam participar dessas mesmas categorias: restos continuamente modificados e adaptados a diferentes espaços e situações, tais como os narrados, respectivamente, por Luiz de Calu, Tereza de Dito e Joaquim de Matos Oliveira:

Diz que aqui o povo tinha um negócio que aparecia lobisomem, mula-sem-cabeça... Esse trem, quando dava na quaresma, todo mundo não saía, com medo! Agora, eu nunca fui medroso não! Mas toda a vida o povo falava: “Não, não sai não que tá aparecendo a mula-sem-cabeça!”. Outro falava: “Ô, moço, ela passou aí na rua e a ferradura dela estalava assim que a gente via fogo!”. Outro falava: “O lobisomem teve aí e os cachorros latiam muito!”. Mas eu não acreditava nessas coisas! Eu posso dormir em qualquer parte, que eu não tenho medo de

nada. Mas o povo tudo tinha um medo, moço! O que eles tinham mais medo é quando falavam: “Tal lugar, ó, não passa não, porque tem o pé-de-garrafa!”. (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 166)

Teve um dia mesmo que eu tava lá em casa e passou aquele barulho na rua. Eu sozinha naquele deserto lá. Aí com pouco eu ouvi aquela ronqueira e falei: “Uai, meu Deus! Que isso que tá roncando igual porco na rua?”. Aí, quando foi o outro dia, que eu fui contar o caso, eles falaram: “Minha fia, foi um lobisomem que passou na rua!”. Que eu não conhecia, né? “Pois foi um lobisomem que passou na rua! Cê não teve medo? Cê abriu a porta?”. Falei: “Não, eu tava deitada na cama e na cama fiquei, ouvindo passar na rua”. É... Antigamente tinha muitas coisas diferentes. Hoje não tem. Que o povo fala muito, reza demais, né? Que antigamente não usava essas pessoas rezar igual hoje. É igreja de tudo quanto é tipo, é igreja de crente, é outra igreja... Entendeu? Antigamente não usava essas coisas. (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 237-238)

Assombração tinha! Agora acabou. Que antigamente não era claro que nem hoje. Era escuro. Aparecia... Hoje é bom porque tem luz, cê sai enxergando a estrada. Tem energia e a claridão reflete na estrada. Antigamente não tinha, tudo era escuro. Dava sete horas aqui dentro de casa, já não podia sair. Se saísse, chegava lá embaixo já topava com... Já secava. Uma coisa secava a pessoa toda. Atravessava um caixão na estrada, um lençol... Era dessa maneira. Tinha muita assombração. Não vi não, mas já me assombrou. (VIEIRA; MAGALHÃES; DIAS, 2014: 115)

O conto de assombração, sem dúvida, faz parte da *velha caixa de brinquedos* que, vez por outra, alguém abre a fim de rever sua própria infância. De todos os jogos e brincadeiras, talvez seja o que consiga permanecer por mais tempo na memória, pela possibilidade de ser inscrito em palavras, orais ou escritas. As três falas acima reproduzidas nos remetem a sensações físicas do medo causado pela percepção de sons, formas e cores de seres e objetos inverossímeis, refugos que se esgueiram pelos matos, pelos cantos sombrios das ruas, na beirada dos rios e outros descaminhos da imaginação. Medo que demarcava espaços e tempos, facilitando o controle exercido pelos adultos, mas que sucumbiu ao clarão da luz elétrica, à força das rezas e outras modernidades.

A modo de conclusão

Nos retratos borrados dessas infâncias, o pedaço de barbante e as bolinhas de resina que Miguilim leva na algibeira se misturam agora ao bodequê, à boneca de milho e às tampinhas de cerveja amarradas ao cavalo-de-pau de meninos e meninas de Chapada do Norte. Restos de uma *alegriazinha* quase sempre interdita daqueles que, quando crianças, tinham de buscar lenha, lavar areia, capinar. Didi-Huberman, dialogando com Benjamin, se pergunta como tornar visível e legível os que estão expostos a desaparecer

ou a serem “subexpostos” nas representações hegemônicas ou, ainda, “onde achar o arquivo daqueles de quem não se quer consignar nada, aqueles cuja memória mesma, às vezes, se quer matar?” (DIDI-HUBERMAN, 2014: 30).⁸ Benjamin aponta para a adoção de um “princípio construtivo”, cujo modelo nos seria dado pela arte moderna, de Proust a Joyce, passando pelo cinema de Vertov ou Eisenstein. A estes, não poderia deixar de acrescentar o universo criado por Guimarães Rosa.

O termo “subexposição” prevaleceu ao longo deste texto, tendo sido utilizado como referência a memórias de infâncias invisíveis, inaudíveis, inexistentes ou em extinção, como os rios do Vale do Jequitinhonha. A subexposição, no entanto, não é voluntária, como nos demonstra a fala de Dona Preta e a de diversas pessoas entrevistadas em Chapada do Norte, que nos contam sobre sua participação ativa em manifestações culturais permanentemente ameaçadas de desaparecer. De forma pragmática, esses povos são conscientes do seu direito à visibilidade, o que ficou evidenciado com a curiosidade suscitada pela publicação dos relatos coletados nas entrevistas. A divulgação das memórias dos mais velhos tem provocado uma série de reflexões entre os jovens da comunidade, especialmente no que diz respeito à infância dos avós e aos elementos que cercaram o mundo em que viveram quando crianças. Com isso, cria-se a possibilidade de que vivenciem a memória coletiva e, conseqüentemente, as identidades de forma autônoma e crítica. Não por acaso, Gabriela Camargos, estudante do ensino médio e participante do projeto, impediu recentemente que a prefeitura de Chapada derrubasse as árvores de uma das praças da cidade. Talvez este seja um exemplo contundente do que Benjamin chamava de “princípio construtivo”.

Referências bibliográficas

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1978.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Trad. Paulo Soethe (Coord.). Campinas: Ed. Unicamp, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. Trad.: Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Ed. 34, 2009.
- BINES, Rosana Kohl. “Infância, palavra de risco”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Orgs.). *Escritas da violência*, v. 1. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

⁸ ¿Dónde hallar el archivo de aquellos de quienes no se quiere consignar nada, aquellos cuya memoria misma, a veces, se quiere matar?

- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Pueblos expuestos, pueblos figurantes*. Trad. Horacio Pons. Buenos Aires: Manantial, 2014.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- HEYWOOD, Colin. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- OLIVEIRA, Fernando Roberto; MENEGASSE, Leila Nunes; DUARTE, Uriel. “Impacto ambiental do eucalipto na recarga de água subterrânea em área do cerrado, no Médio Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais”. Anais do XII Congresso Brasileiro de Águas Subterrâneas. Disponível em: <<http://aguassubterraneas.abas.org/asubterraneas/article/viewFile/22677/14879>>.
- ROSA, João Guimarães. “Campo Geral”. In: _____. *Manuelzão e Miguilim: (Corpo de Baile)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. Edição digital.
- SCARANO, Julita. “Criança esquecida das Minas Gerais”. In: PRIORE, Mary del (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.
- VIEIRA, Elisa Maria Amorim; CAMPOS, Thayane; ALMEIDA, Samira (Orgs.). *Imagens e memórias de Itaobim*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.
- VIEIRA, Elisa Maria Amorim; MAGALHÃES, Heyder; DIAS, Luciana (Orgs.). *Imagens e memórias: Chapada do Norte*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2014.

Elisa Maria Amorim Vieira é professora de Literatura Espanhola e Teoria da Literatura da Faculdade de Letras da UFMG. Atualmente, é subcoordenadora do programa de pós-graduação em Estudos Literários da UFMG. Coordena o Projeto de Extensão “Imagens e Memórias do Vale”. Recentemente, coorganizou o livro *Imagens e memórias I*, juntamente a Márcio Seligmann-Silva e Elcio Loureiro Cornelsen.

Recebido em: 10/04/2015
Aprovado em: 15/05/2015